

**Autismo nas telas: regimes narrativos, imaginários sociais  
e disputas epistêmicas no audiovisual<sup>1</sup>**

*Autism on screen: narrative regimes, social imaginaries,  
and epistemic disputes in audiovisual media*

Adriana da Rosa SANTOS<sup>2</sup>  
Raquel Marques Carriço FERREIRA<sup>3</sup>

**Resumo**

Este artigo apresenta uma revisão narrativa sobre a representação do autismo no audiovisual, baseada em 23 estudos nacionais e internacionais. Por meio de análise de conteúdo, identificamos cinco regimes narrativos: economias psicoemocionais, regimes de sociabilidade restrita, tecnologias de visibilidade corporal, dispositivos de excepcionalização e modelos narrativos de agência e interdependência. Os achados apontam tensões persistentes na produção cultural e a necessidade de ampliar representações plurais, complexas e sensíveis às múltiplas experiências autistas.

**Palavras-chave:** Representações sociais. Comunicação e saúde. Personagens autistas.

**Abstract**

This article presents a narrative review of the representation of Autism Spectrum Disorder (ASD) in audiovisual media, based on 23 national and international studies. Through content analysis, we identify five narrative regimes: psycho-emotional economies, restricted sociability regimes, technologies of bodily visibility, exceptionalization devices, and narrative models of agency and interdependence. The findings shed light on persistent tensions in cultural production and point to the need to broaden plural, complex, and sensitive representations of multiple autistic experiences.

**Keywords:** Social representations. Communication and health. Autistic characters.

---

<sup>1</sup> Os resultados deste artigo foram apresentados no formato de resumo no XII Encontro de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe (Enpole) e I Seminário de Pesquisa em Comunicação — Programa de Pós-Graduação em Comunicação (UFS).

<sup>2</sup> Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe (PPGCOM/UFS). E-mail: adriana15jor@gmail.com

<sup>3</sup> Doutora em Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa. Professora da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Coordenadora do grupo de pesquisa COMSAÚDE. E-mail: raquelcarrico@academico.ufs.br

## Introdução

As produções audiovisuais podem atuar na circulação de sentidos sobre saúde, diferença e normalidade, participando da construção do que Moscovici (1978) denomina imaginário social: um sistema simbólico que orienta percepções, afetos e práticas cotidianas. No campo da saúde coletiva, esse imaginário tem relevância direta, pois influencia processos de estigmatização, expectativas sobre cuidado e formas de reconhecimento de grupos considerados fora do padrão (Nadesan, 2005; Chamak, 2010).

O audiovisual, nesse sentido, não apenas retrata, mas produz narrativas sobre o autismo que modulam a forma como ele é compreendido na esfera pública. Tais narrativas operam como enquadramentos comunicacionais que moldam regimes de visibilidade – no sentido proposto por Garland-Thomson (2017) – capazes de reforçar modelos biomédicos e patologizantes ou, alternativamente, promover leituras mais sociais e contextualizadas da neurodiversidade (Davis, 2013; Silberman, 2015).

A mídia, enquanto prática sociocultural, participa da constituição de sentidos sobre processos saúde-doença (Ayres, 2007), ao dramatizar experiências situadas em relação a normas de funcionalidade, autonomia e comportamento. Assim, o modo como o autismo é representado no audiovisual articula-se diretamente às disputas discursivas da saúde e da deficiência, contribuindo para a construção de sensibilidades públicas que podem ampliar a empatia ou, ao contrário, reforçar desigualdades simbólicas (Garland-Thomson, 2017).

Nesse cenário, a literatura acadêmica sobre autismo no audiovisual se expandiu de forma significativa, mas ainda observamos assimetrias: muitos estudos concentram-se em fidelidade clínica, listagem de traços comportamentais ou comparações diagnósticas, enquanto análises comunicacionais sobre enquadramentos, imaginários e regimes discursivos permanecem menos desenvolvidas (Osteen, 2009; Murray, 2008). Falta, portanto, uma visão integrada que sistematize tendências da literatura, identifique lacunas analíticas e situe essa produção em diálogo com a saúde coletiva e os estudos da deficiência.

Este artigo apresenta uma revisão narrativa de literatura sobre a representação do autismo no audiovisual, realizada a partir da análise de estudos localizados em bases nacionais e internacionais. Buscamos compreender como o campo tem estruturado seus debates, quais imaginários sociais sobre o autismo são reforçados ou deslocados e de que

modo essas representações dialogam com a produção de sentidos sobre saúde, diferença e neurodiversidade.

### **Caminhos metodológicos**

Conduzimos uma revisão narrativa de literatura, abordagem recomendada quando o objetivo é integrar evidências heterogêneas, mapear tendências teóricas e identificar padrões interpretativos em campos nos quais não há homogeneidade epistemológica ou metodológica (Rother, 2007). Esse tipo de revisão é bastante utilizado na comunicação, especialmente quando se busca compreender fenômenos complexos, situados em múltiplos regimes discursivos e atravessados por disputas semânticas – como é o caso das representações do autismo no audiovisual.

Justificamos essa escolha metodológica porque os estudos sobre o autismo na mídia se distribuem entre áreas distintas – comunicação, psicologia, educação, estudos culturais, estudos da deficiência e saúde –, cada qual mobilizando categorias próprias de análise. Assim, optamos por uma estratégia capaz de articular perspectivas plurais, respeitar diferenças disciplinares e produzir sínteses interpretativas críticas, conforme discutem Greenhalgh, Thorne e Malterud (2018) ao tratar de revisões interpretativas na área da saúde.

Realizamos buscas sistemáticas em diferentes bases e repositórios, de modo a abranger tanto a produção nacional quanto internacional. As plataformas consultadas foram: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), *Directory of Open Access Journals* (DOAJ), Periódicos CAPES, *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Google Acadêmico.

A estratégia de busca envolveu duas etapas. Na primeira, utilizamos descritores amplos em língua portuguesa: “TEA”, “autismo”, “representação” e “audiovisual”. Essa rodada inicial resultou em 3.830 trabalhos no Google Acadêmico, dos quais apenas cinco atendiam ao nosso foco. Em BDTD, DOAJ e SciELO, as combinações não retornaram resultados compatíveis com o escopo da revisão.

A fim de ampliar o mapeamento do campo, executamos uma segunda rodada de buscas com termos mais específicos e em quatro idiomas (português, inglês, espanhol e francês): “cinema”, “filme”, “telenovela”, “séries de TV”, “representação da mídia”, “*Atypical*”, “*The Good Doctor*”, “Uma Advogada Extraordinária”, entre outros. Essa

etapa resultou em 182.398 resultados no Google Acadêmico, 425 na BDTD, 247 no Periódicos CAPES e 5 na SciELO.

Após leitura de títulos, resumos e palavras-chave, identificamos inicialmente 31 estudos relacionados ao tema. Aplicando nossos critérios de elegibilidade, incluímos apenas produções que: (a) analisassem explicitamente representações do autismo em obras audiovisuais (filmes, séries, animações, documentários ou programas televisivos); (b) apresentassem algum tipo de abordagem interpretativa (análise de conteúdo, discursiva, semiótica, bibliográfica ou filmica); (c) mobilizassem categorias que articulassem autismo, narrativa, representação ou imaginário social.

Excluímos estudos biomédicos sem análise midiática, relatos clínicos, textos que mencionavam o autismo apenas de forma tangencial e produções que não examinassem personagens ou enredos. Ao final desse processo, constituímos um corpus de 23 estudos, composto por 16 artigos, duas dissertações, dois ensaios e três trabalhos de conclusão de curso.

**Tabela 1** – Os 23 trabalhos acadêmicos analisados

1-Autismo e suas representações cinematográficas: Baldo e Guimarães (2007).
2- <i>Temple Grandin</i> e o autismo: Uma análise do filme: Schmid (2012).
3- O autismo na tela: Chamak (2015).
4- Representações de autistas em recursos midiáticos: Camargo (2017).
5- Luz, câmera, estereótipo – Ação! A representação do autismo nas séries de TV: Lacerda (2017).
6- Um médico com autismo na televisão: Ensinaamentos em “ <i>The Good Doctor</i> ”: Badii e Baños (2018).
7- A inclusão do autista no mercado de trabalho através da abordagem apresentada pela série norte-americana <i>The Good Doctor</i> : Lima e Negreiros Junior (2018).
8- Ensinar pelas séries: “ <i>Atypical</i> ” e a problemática do TEA: Silva, M. e Silva, G. (2019).
9- <i>Atypical</i> : Uma análise da série centralizada no personagem Sam Gardner: Lima (2019).
10- O cotidiano de pessoas com TEA de alta funcionalidade: Uma análise da série “ <i>Atypical</i> ”: Baldoino e Mendes (2020).
11-A participação do cinema na dinamização de imaginários sobre o TEA: Ethur (2020).
12- Franqueza, filosofia e educação: Estética da existência e parrhesia a partir do seriado <i>The Good Doctor</i> : Motta e Silva, H. (2020).
13- Protagonistas autistas na cultura ficcional: Rosa, A. e Rosa, L. (2020).
14- Autismo e seus (des)enlaces em narrativas da série “ <i>Atypical</i> ”: Reflexões psicanalíticas: Santos et al. (2020).
15- Identidade, representatividade e estereótipo: A representação do TEA no seriado “ <i>Atypical</i> ”: Coelho e Coelho (2022)
16- Representação social do autismo em jovens mexicanos: Acedo et al. (2022).

17- Neurodiversidade (em) cena: Gênero e sexualidade na série “ <i>Atypical</i> ” : Altmann e Cruz (2022).
18- A história e identidade autista através das câmeras: O olhar do cinema atravessando o espectro (1988 a 2018): Quillici (2023).
19- A jornada pela identidade e autonomia em “ <i>Atypical</i> ” e as representações do TEA: Alves e Gambaro (2023).
20- Representação do autismo no cinema: Análise do filme <i>Please Stand By</i> : Santos, C. e Mattos (2023).
21- Pessoas com TEA nos discursos fílmicos: Pieczkowski (2023).
22- Neurowashing: A construção do autismo midiático através de análises de séries de ficção: Rossato (2023).
23- O autismo e as limitações sociais: representações cinematográficas nos filmes “As vantagens de ser invisível” (2012) e “Meu Filho, Meu Mundo” (1979): Aprile e Galego (2023).

Fonte: elaborado pelas autoras

### Procedimentos de organização e análise

No primeiro movimento, realizamos uma leitura exploratória e sistematizamos informações em uma matriz analítica contendo: métodos utilizados, obras audiovisuais examinadas, referenciais teóricos mobilizados e principais interpretações de cada estudo. Esse procedimento segue a orientação de Bardin (2011) sobre a importância da pré-análise e da organização do material em revisões de caráter interpretativo.

No segundo movimento, aplicamos uma análise temática conduzida pelo princípio da comparação constante (Charmaz, 2006), identificando padrões, convergências, tensões e recorrências. Esse método é apropriado quando buscamos compreender como determinados sentidos se consolidam discursivamente em literaturas dispersas, permitindo localizar eixos interpretativos transversais.

No terceiro movimento, articulamos os achados com referenciais dos estudos da deficiência (Garland-Thomson, 2017; Davis, 2013), culturais (Hall, 2006; Silva, 2020) e da saúde coletiva (Paim; Almeida-Filho, 1998; Ayres, 2007), de modo a compreender como as pesquisas analisadas produzem regimes de visibilidade, normatividades sociais e imaginários de diferença sobre o autismo no audiovisual.

### Reorganização das categorias e síntese da estratégia

Os estudos sistematizados originalmente descrevem cinco grandes conjuntos de traços, que nomeamos como: (1) disfuncionalidade psicoemocional, (2)

disfuncionalidade social, (3) disfuncionalidade física, (4) posse de talentos excepcionais e (5) funcionalidade social.

A partir da comparação constante e da articulação com os referenciais teóricos mencionados, reorganizamos essas cinco categorias descritivas em cinco eixos interpretativos mais amplos: economias psicoemocionais, regimes de sociabilidade restrita, tecnologias de visibilidade corporal, dispositivos de excepcionalização e modelos narrativos de agência e interdependência.

Dessa forma passamos à apresentação dos resultados da análise que constituem uma grade analítica capaz de demonstrar um pouco como o audiovisual participa da produção de sentidos sobre o espectro autista e da circulação de imaginários sociais sobre a neurodiversidade.

## **Resultados**

A análise dos 23 estudos que compõem o corpus demonstrou a existência de cinco grandes regimes narrativos que estruturam a maneira como o autismo é representado no audiovisual. Esses regimes não constituem categorias estanques, mas matrizes de sentido que articulam normas culturais, tecnologias de visibilidade e expectativas sociais acerca da neurodiversidade.

Como explicamos nos caminhos metodológicos, reorganizamos as cinco categorias descritivas presentes na literatura – disfuncionalidade psicoemocional, disfuncionalidade social, disfuncionalidade física, posse de talentos excepcionais e funcionalidade social – em cinco eixos interpretativos: economias psicoemocionais, regimes de sociabilidade restrita, tecnologias de visibilidade corporal, dispositivos de excepcionalização e modelos narrativos de agência e interdependência. Eles organizam, de forma transversal, discursos circulantes em filmes, séries e produções televisivas examinadas pela literatura acadêmica recente:

### **Economias psicoemocionais: o autismo como intensidade e instabilidade afetiva**

A maioria dos trabalhos revisados identifica padrões narrativos que associam o autismo a expressões de descontrole emocional, crises diante de mudanças na rotina e dificuldades de regulação afetiva. Obras como *Rain Man* (Filme/1988), *Meu Filho, Meu*

Mundo (Filme/1979), Código para o Inferno (Filme/1998), Mary & Max (Filme/2009) e episódios centrais de *Atypical* (Série/2017) são citadas como exemplos paradigmáticos.

A literatura descreve que personagens entram em colapso sensorial, repetem sons ou expressões, choram, gritam ou se retiram abruptamente de interações sociais quando confrontados com frustrações. Essa gramática da “afetividade desorganizada” aparece em estudos que analisam desde produções hollywoodianas clássicas até narrativas contemporâneas, cobrindo diferentes contextos e períodos. O que emerge desses estudos é um padrão de legibilidade emocional: a diferença autista é construída como vulnerabilidade ou excesso, reforçando imaginários biomédicos que associam o espectro à instabilidade afetiva (Murray, 2008; Osteen, 2009). Assim, o audiovisual tende a transformar a vida emocional autista em um marcador narrativo do déficit, o que contribui para estreitar a compreensão pública sobre a diversidade afetiva no espectro.

### **Regimes de sociabilidade restrita: a diferença como inadequação relacional**

A sociabilidade aparece como a dimensão mais recorrente em todo o corpus. Observa-se que obras como *Parenthood* (Série/2009), *Atypical* (Série/2017), *The Good Doctor* (Série/2017), *The Big Bang Theory* (Série/2007), *Touch* (Série/2012), *The Bridge* (Série/2013) e *Mercury Rising* (Filme/1998) representam sujeitos autistas como indivíduos que: evitam contato visual; têm dificuldade com metáforas ou humor; rejeitam toque e proximidade física; necessitam de mediadores para interpretar códigos sociais; fracassam em rotinas de socialização escolar, familiar ou profissional.

Essas representações reforçam o que Garland-Thomson (2017) denomina regimes de normatividade relacional, nos quais a pessoa autista é situada como “fora do *script* social” esperado. As pesquisas revisadas convergem ao apontar que o autismo é traduzido como déficit interacional (Nadesan, 2005), produzindo a imagem de um sujeito incapaz de corresponder às expectativas comunicativas dominantes. Nos corpus, esse regime é dominante e aparece em grande parte dos trabalhos, atravessando análises de filmes, séries e documentários de épocas distintas.

### **Tecnologias de visibilidade corporal: o corpo como superfície do desvio**

O terceiro eixo refere-se ao modo como o corpo autista é exibido como superfície

de legibilidade da diferença. Obras como *Temple Grandin* (Filme/ 2010), *Atypical* (Série/2017), *Farol das Orcas* (Filme/2016), *Fly Away* (Filme/2011) e “Loucos de Amor” (Filme/2005) são mencionadas como exemplos de estetização da diferença corporal. Evidencia-se que para a recorrência de: movimentos estereotipados; rigidez motora; retraimento tátil; hipersensibilidade auditiva; uso de dispositivos reguladores (como o equipamento de compressão em *Temple Grandin*, associado à busca de autorregulação sensorial pela personagem).

Essas representações, segundo Davis (2013), constituem tecnologias culturais da deficiência, nas quais o corpo não normativo é inscrito como *locus* da alteridade. A literatura sugere que esse padrão produz uma leitura sensorial do TEA: o corpo se torna índice visual da diferença, reforçando fronteiras simbólicas entre normalidade e desvio.

### **Dispositivos de excepcionalização: Genialidade**

Um dos padrões mais persistentes do corpus refere-se à associação entre autismo e excepcionalidade. Estudos sobre *Rain Man* (Filme/1988), *The Good Doctor* (Série/2017), *Mercury Rising* (Filme/1998), *Mozart and the Whale* (Filme/2005) e *The Big Bang Theory* (Série/2007) destacam a presença de personagens: com inteligência acima da média; dotados de talentos matemáticos; capazes de diagnósticos clínicos brilhantes ou com memórias incomuns.

A literatura interpretativa aponta que esse modelo de excepcionalidade cria uma forma ambígua de reconhecimento (Murray, 2008): ao mesmo tempo que humaniza e gera empatia, ele cristaliza estereótipos e limita a compreensão pública do espectro. O corpus mostra que grande parte das análises acadêmicas vê esse recurso como um mecanismo narrativo útil para aproximar o público, mas problemático por reduzir a legitimidade da experiência autista à figura do “gênio excêntrico”.

### **Modelos narrativos de agência e interdependência: contra-enquadramentos emergentes**

Embora minoritários, alguns estudos destacam narrativas que deslocam o foco do déficit para trajetórias de convivência, autonomia relativa e interdependência. Análises de *Atypical* (Série/2017), *Farol das Orcas* (Filme/2016), “Uma Família Especial”

(Filme/2005), *The Middle* (Série/2009) e *What's Eating Gilbert Grape* (Filme/1993) apontam para modelos mais relacionais e menos patologizantes do TEA. Nesses casos, aparece um sujeito que: estabelece vínculos afetivos significativos; participa de redes de cuidado; constrói práticas de autonomia possível; negocia sua presença social sem ser reduzido ao déficit.

Esses contra-enquadramentos dialogam com perspectivas da neurodiversidade e com abordagens críticas dos estudos da deficiência (Garland-Thomson, 2017), oferecendo alternativas às narrativas tradicionais centradas em inadequação ou genialidade.

### **Síntese dos achados**

Os resultados indicam que o audiovisual produz um imaginário de diversidade representacional sobre o autismo. De um lado, consolidam-se representações centradas em déficit (emocional, relacional, corporal) e em excepcionalidade (gênio, prodígio). De outro, emergem representações que reconhecem a complexidade do sujeito autista em sua agência cotidiana e em suas formas situadas de estar no mundo.

Assim, é possível identificar que o audiovisual funciona como um campo de disputa simbólica, no qual se cruzam narrativas biomédicas, expectativas normativas e contra-enquadramentos alinhados à neurodiversidade, influenciando diretamente a formação do imaginário social sobre o autismo.

### **Limites estruturais e desafios futuros**

A literatura analisada também revela limitações metodológicas e epistemológicas que atravessam o próprio campo de estudos sobre autismo e audiovisual. Em primeiro lugar, observamos forte concentração analítica em um pequeno conjunto de obras de grande circulação, como o filme *Rain Man* e as séries *Atypical* e *The Good Doctor*. Tal concentração tende a produzir um efeito de “canonização midiática”, no qual determinadas narrativas passam a representar, de modo quase metonímico, todo o espectro (Murray, 2008). Esse foco estreito implica a reprodução de um repertório limitado de personagens e situações, restringindo a diversidade de experiências e corpos autistas presentes em outras produções menos visíveis.

Em segundo lugar, constatamos a predominância de análises descritivas, muitas vezes centradas apenas na identificação de traços comportamentais ou na fidelidade clínica dos personagens, com pouca articulação teórica e baixa ancoragem em perspectivas críticas dos estudos da deficiência. Cabe lembrar que esses estudos, especialmente em sua vertente cultural (Davis, 2013; Garland-Thomson, 2017), compreendem a deficiência como fenômeno social, discursivo e político, enfatizando relações de poder, regimes de normalidade e formas de produção do corpo. A ausência dessa lente reduz a capacidade analítica dos estudos revisados, que permanecem atrelados a categorias biomédicas e a modelos de déficit.

Além disso, observamos um limite estrutural relevante: a escassa presença de pessoas autistas como produtoras de conhecimento sobre sua própria representação midiática. Essa lacuna epistemológica tem sido amplamente criticada por autores do movimento da neurodiversidade e da justiça epistêmica, como Yergeau (2017) que demonstra como o campo tende a analisar o autismo “a partir de fora”, sem integrar a experiência vivida e a expertise autista como dimensão legítima de produção de saber. A ausência de perspectivas autistas reforça assimetrias históricas de fala e autoridade, além de limitar a capacidade crítica das análises sobre as representações audiovisuais.

Esses limites refletem um campo ainda em consolidação, no qual disputas entre modelos biomédicos, culturais e neurodiversos permanecem abertas e demandam investigações futuras mais participativas, interseccionais e teoricamente robustas.

## **Conclusão**

Ao examinarmos os trabalhos produzidos nas últimas décadas, constatamos que as obras audiovisuais continuam estruturando o autismo a partir de matrizes narrativas hegemônicas – sobretudo aquelas centradas na disfuncionalidade social, na dificuldade emocional e na excepcionalidade intelectual –, constituindo um repertório imagético que, ao mesmo tempo em que amplia a visibilidade do autismo, restringe a pluralidade real dessa condição.

As representações predominantes ainda dialogam intensamente com o modelo biomédico de deficiência, reforçando leituras de déficit e de inadequação. A lógica da excepcionalidade opera como contrapartida simbólica que, embora pareça positiva, produz efeitos normativos ao estabelecer a genialidade como caminho legitimado de

aceitação social. Em ambos os casos, o sujeito autista aparece inscrito em fronteiras rígidas – ora como menos que o “normal”, ora como mais que o “ordinário” –, deslocando para a ficção expectativas e narrativas que impactam diretamente as formas de reconhecimento social, práticas de cuidado e políticas públicas dirigidas a pessoas no espectro.

Apesar disso, identificamos uma abertura crescente para narrativas que dialogam com a perspectiva da neurodiversidade, mesmo que ainda de forma tímida. A emergência da funcionalidade social como categoria analítica nos estudos sugere a construção de personagens mais complexos, capazes de vivenciar vínculos afetivos, assumir responsabilidades e participar da vida coletiva sem que sua identidade seja reduzida exclusivamente à condição diagnóstica. Essas narrativas apontam para um deslocamento gradual em direção ao modelo social da deficiência, ampliando as possibilidades de compreensão do autismo como variação humana e não como desvio.

Do ponto de vista epistemológico, a revisão evidencia que o campo de estudos sobre autismo e audiovisual permanece fragmentado, com forte concentração de objetos, metodologias descritivas e escassa participação de pesquisadores e pesquisadoras autistas. Há, portanto, margem substantiva para aprofundar análises interseccionais, perspectivas críticas ancoradas nos estudos da deficiência e abordagens que integrem experiências vividas por sujeitos neurodiversos – elementos indispensáveis para romper com enquadramentos estigmatizantes e produzir conhecimento socialmente situado.

Reconhecemos que esta revisão se ancora em um corpus limitado de 23 estudos, com forte concentração em algumas obras de maior circulação e predominância de análises textuais, o que restringe a generalização dos achados. Ainda assim, os padrões identificados oferecem um mapa relevante das disputas narrativas em curso e indicam caminhos para investigações futuras que articulem recepção, produção e políticas de representação do autismo.

Concluimos que o audiovisual opera como dispositivo fundamental na circulação de imaginários, afetos e expectativas sobre essa condição. Ele não apenas a representa: contribui para performá-la culturalmente. Assim, compreender e tensionar esses enquadramentos torna-se tarefa crucial para pesquisadores, profissionais da comunicação, educadores e formuladores de políticas públicas comprometidos com uma sociedade que reconheça a diversidade humana em sua inteireza. A ampliação de narrativas plurais, críticas e sensíveis à experiência autista constitui um passo necessário para reconfigurar

os modos como enxergamos, valorizamos e incluímos pessoas no espectro – dentro e fora das telas.

## Referências

AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. **Cuidado e resignificação das práticas de saúde**. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 1-12, 2007.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edições 70, São Paulo, SP: 2011.

CHAMAK, Brigitte. **L'autisme à l'écran**. *Hal Open Science: Paris*, v. 1, n. 1, p. 1–8, ago. 2015. Disponível em: <https://shs.hal.science/halshs-01182764/document>. Acesso em 4 out. 2023.

CHARMAZ, Kathy. **Constructing grounded theory: a practical guide through qualitative analysis**. London: Sage, 2006.

DAVIS, Lennard J. (Org.). **The Disability Studies Reader**. 4. ed. New York: Routledge, 2013.

GARLAND-THOMSON, Rose. **Extraordinary Bodies: Figuring Physical Disability in American Culture and Literature**. New York: Columbia University Press, 2017.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GREENHALGH, Trisha; THORNE, Sally; MALTERUD, Kirsti. **Time to challenge the spurious hierarchy of systematic over narrative reviews**. *European Journal of Clinical Investigation*, v. 48, n. 6, p. 1-6, 2018.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

SCHMIDT, Carlo. **Temple Grandin e o autismo: uma análise do filme**. *Revista Brasil – Universidade Federal de Santa Maria*, v. 18, n. 2, p. 179–194, abr. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/V6fNTYgyv6hvhFqVY7pGg8S/>. Acesso em : 04 jul. 2023.

MOTTA, Fernanda Antoniana Barbosa; SILVA, Heraldo Aparecido. **Franqueza, filosofia e educação: estética da existência e parresía a partir do seriado The Good Doctor**. *Comunicações*, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 217–231, set. 2020. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistasunimep/index.php/comunicacoes/article/view/4591>. Acesso em: 8 ago. 2023

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MURRAY, Stuart. **Representing autism: culture, narrative, fascination**. Liverpool: Liverpool University Press, 2008.

NADESAN, Majia Holmer. **Constructing autism: unravelling the ‘truth’ and understanding the social**. New York: Routledge, 2005.

OSTEEN, Mark (Org.). **Autism and representation**. New York: Routledge, 2009.

PAIM, Jairnilson; ALMEIDA-FILHO, Naomar. **A crise da saúde pública e a utopia da saúde coletiva**. Salvador: EDUFBA, 1998.

ROSE, Nikolas; ABI-RACHED, Joelle. **Neuro: the new brain sciences and the management of the mind**. Princeton: Princeton University Press, 2013.

ROTHER, Edna Terezinha. **Revisão sistemática X revisão narrativa**. Acta Paulista de Enfermagem, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 05-06, 2007.

SILBERMAN, Steve. **Neurotribes: the legacy of autism and the future of neurodiversity**. New York: Penguin Random House LLC, 2015.

SILVA, Karla; ROZEK, Marlene. **Transtorno do espectro autista/mitos e verdades**. EDIPUCRS, Porto Alegre, 2020.

WALKER, Nick. **Neuroqueer Heresies: notes on the neurodiversity paradigm, autistic empowerment, and postnormal possibilities**. California: Autonomous Press, 2021.

WERNER, Andréa. **Meu amigo faz iiiii**. Ilustrações de Kelly Vaneli. [S.l.]: Pingue Pongue Educação, 2023.

YERGEAU, Melanie. **Authoring Autism: on rhetoric and neurological queerness**. Durham: Duke University Press, 2017.

### **Obras audiovisuais**

**ALPHAS**. Criação: Zak Penn, Michael Karnow. [S.l.]: Syfy, 2011–2012. Série de TV.

**THE PERKS OF BEING A WALLFLOWER**. Direção: Stephen Chbosky. [S.l.]: Summit Entertainment, 2012. Filme (102 min).

**ATYPICAL**. Criação: Robia Rashid. [S.l.]: Netflix, 2017–2021. Série de TV.

**CÓDIGO PARA O INFERNO** (*Mercury Rising*). Direção: Harold Becker. Produção: Universal Pictures, 1998. (111 min).

**FAROL DAS ORCAS** (*El Faro de las Orcas*). Direção: Gerardo Olivares. Produção: Wanda Films, 2016. (110 min).

**FLY AWAY**. Direção: Janet Grillo. [S.l.]: New Video Group, 2011.( 80 min).

**FORREST GUMP**. Direção: Robert Zemeckis. Produção: Paramount Pictures, 1994. (142 min).

**HEARTBREAK HIGH**. Criação: Hannah Carroll Chapman. [S.l.]: Netflix, 2022–. Série de TV.

**LOUCOS DE AMOR** (*Mozart and the Whale*). Direção: Petter Næss. Produção: Millennium Films, 2005. (93 min).

**MARY E MAX: UMA AMIZADE DIFERENTE** (*Mary and Max*). Direção: Adam Elliot. Produção: Melodrama Pictures, 2009. (92 min). Animação.

**MEU FILHO, MEU MUNDO** (*Son-Rise: A Miracle of Love*). Direção: Glenn Jordan. Produção: NBC Television, 1979. (100 min).

**PARENTHOOD**. Criação: Jason Katims. [S.l.]: NBC, 2010–2015. Série de TV.

**PLEASE STAND BY**. Direção: Ben Lewin. Produção: Magnolia Pictures, 2017. 93 min.

**RAIN MAN**. Direção: Barry Levinson. Produção: United Artists, 1988. (133 min).

**TEMPLE GRANDIN**. Direção: Mick Jackson. Produção: HBO Films, 2010. (107 min).

**TESTEMUNHA DO SILÊNCIO** (*Silent Fall*). Direção: Bruce Beresford. Produção: Warner Bros., 1994. (101 min).

**THE BIG BANG THEORY**. Criação: Chuck Lorre, Bill Prady. [S.l.]: CBS, 2007–2019. Série de TV.

**THE BRIDGE**. Criação: Elwood Reid, Björn Stein. [S.l.]: FX, 2013–2014. Série de TV.

**THE GOOD DOCTOR**. Criação: David Shore. [S.l.]: ABC/Sony Pictures Television, 2017–. Série de TV.

**THE MIDDLE.** Criação: Eileen Heisler, DeAnn Heline. [S.l.]: ABC, 2009–2018. Série de TV.

**TOUCH.** Criação: Tim Kring. [S.l.]: Fox, 2012–2013. Série de TV.

**WHAT'S EATING GILBERT GRAPE** (*Gilbert Grape: Aprendiz de um Sonhador*).  
Direção: Lasse Hallström. Produção: Paramount Pictures, 1993. (118 min).

**YOUNG SHELDON.** Criação: Chuck Lorre, Steven Molaro. [S.l.]: CBS, 2017– . Série de TV.